

A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?

Sylvain Souchad

Estabeleceu-se, gradativamente, a ideia de que os bolivianos detêm hoje o monopólio do trabalho nas oficinas de médio e pequeno porte e vivem em bairros onde seriam os únicos imigrantes, em outras palavras, teriam formado espaços residências mono-étnicos e nicho econômicos fechado.

“(...) O nascimento de um nicho econômico para os imigrantes decorre de uma ruptura na estrutura do emprego e no modelo de recrutamentos anteriores(R. Waldinger 1994, p.27)”. (p. 78)

A intensa pressão do setor industrial implicou diferentes modalidades de transformação que foram aplicadas distintamente entre os sub-setores industriais. No caso da confecção paulistana, aquelas que se mantiveram, ou foram aparecendo, tiveram que passar por uma série de modalidades de adaptação, são elas: a deslocalização, a modernização, a reestruturação.

Deslocalização: um número importante de unidades de produção foram deslocalizadas para diminuir seus custos de produção, sejam custos salariais, tributários ou fundiários.

Modernização: inclui toda mudança visando ganhos de produtividade, melhorias qualitativas e inovações.

Reestruturação: a aparição, ou, difusão e consolidação das oficinas de costura de pequeno e médio porte, subcontratadas, muitas vezes clandestinas e envolvendo, em cada nível de sua organização, populações de imigrantes internacionais, desde os ajudantes até os donos (Silva 2008).

As oficinas de costura não podem ser consideradas, unicamente, como lugares de exploração da mão-de-obra imigrante, também são lugares de inserção e ascensão social para numerosos estrangeiros, por que a informalidade a flexibilidade da

organização das oficinas também facilitam a integração no mercado de trabalho, a capacitação profissional, a realização de um projeto migratório.

“A depreciação do trabalho de costureira dentre as populações migrantes internas, e a própria diminuição da migração interna, contribuíram para abrir uma brecha no sistema produtivo da confecção, onde os imigrantes entraram, acrescentando à oportunidade de emprego a mudança organizacional no sistema produtivo”. (p. 82). O aumento dos imigrantes internacionais na confecção em São Paulo é a consequência, ao mesmo tempo de uma chama de mão-de-obra e de uma reestruturação produtiva, baseada nas oficinas subcontratadas de porte médio e pequeno e nas micro-empresas familiares informais de desenho-confecção-venda. “(...) evolução do modelo produtivo que, julgamos, foi organizada pelos próprios imigrantes (Souchad 2011)”. (p. 82).

Essa substituição (mesmo que parcial) em curso faria com que a situação migratória do Brasil parecesse à situação migratória de países como Argentina e Espanha. Evolução que significaria, ao mesmo tempo, uma transição e uma normalização do padrão de imigração brasileiro.

A formação de um nicho na indústria do vestuário para os imigrantes internacionais, com as características que descrevemos, tem sua origem nos anos 1970, e foi iniciada pelos coreanos. O crescimento da atividade traz a necessidade de ampliar os circuitos de contratação da mão de obra. Aos poucos então, os migrantes bolivianos são contratados para trabalhar nas oficinas dos coreanos.

Hoje em dia, bolivianos e paraguaios são os principais trabalhadores nas oficinas de costura. Os coreanos mantêm sua presença na área, mas se afastam cada vez mais do segmento produtivo. Primeiro, abandonaram o trabalho direto nas oficinas (ajudante, costureiro, piloteiro). Segundo, estão deixando de controlar diretamente a produção, entregando a gestão e a propriedade das oficinas aos bolivianos e paraguaios.

Isso ocorreu, primeiramente, porque os coreanos quiseram se especializar no desenho e na distribuição, criando suas próprias linhas e marcas concebidas e vendidas nas suas lojas de atacado de Bom Retiro e do Brás. Segundo, “vimos que desde sua origem a oficina de costura baseia uma parte de sua eficácia econômica na informalidade que lhe procure flexibilidade e ganhos de produtividade, mas, por outro lado, a informalidade das oficinas, e diversas dessas pressões decorrentes dessa

informalidade que pesam nos donos de oficinas, aceleram o progressivo abandono da parte produtiva pelos coreanos a benefícios de migrantes bolivianos e paraguaios.” (p. 84).

Como donos das oficinas, os coreanos empregaram e ainda empregam imigrantes sul-americanos em todos os postos de trabalho. Por outro lado, são os principais clientes das oficinas, uma vez que abandonaram a produção para se concentrarem na criação e comercialização. Por fim, assumiram um papel importante nas trajetórias empreendedoristas dos imigrantes sul-americanos, permitindo a muitos bolivianos e paraguaios que montem uma oficina.

“O nicho econômico para os migrantes sul-americanos na indústria das confecções também indica uma transição importante no modelo migratório brasileiro para o estatuto de país de imigração, a partir do qual, torna-se possível imaginar, num futuro próximo, a presença de migrantes sul-americanos e a formação de outros nichos em setores de atividades tradicionais dos migrantes internacionais em países de imigração, como o trabalho doméstico e a construção civil.” (p. 91).

Daniel Edgardo